



CIDADE EM DEMOLIÇÃO: PINTURAS EM CONSTRUÇÃO¹

CITY IN DEMOLITION: PAINTINGS UNDER CONSTRUCTION

Andressa Pacheco Lawisch²
PPGAV-UFRGS
não
Associada ANPAP:

RESUMO

Este artigo apresenta meu processo poético em pintura, cuja temática são as demolições arquitetônicas ocorridas na cidade de Porto Alegre, RS. Ao longo de caminhadas pelos bairros Santa Cecília e Rio Branco, realizei a coleta de materiais oriundos das construções/demolições, os quais foram incorporados às pinturas. Elementos da colagem atravessam minha produção recente, abrindo caminho para novas possibilidades construtivas em minha poética. Como será discutido ao longo do texto, a cidade constitui um elemento fundamental na elaboração do meu trabalho, especialmente a partir da observação de suas transformações urbanas impulsionadas pela especulação imobiliária.

Palavras-chave: pintura; colagem; processo construtivo; cidade; demolição.

ABSTRACT

This article presents my poetic process in painting, centered on the theme of architectural demolitions that have taken place in the city of Porto Alegre, RS. During walks through the neighborhoods of Santa Cecília and Rio Branco, I collected materials from construction and demolition sites, which were later incorporated into the paintings. Collage elements have become a part of my recent work, opening up new constructive possibilities within my poetics. As will be discussed throughout the text, the city is a fundamental element in the development of my work, especially through the observation of its urban transformations driven by real estate speculation.

KEYWORDS: *painting; collage; constructive process; city; demolition.*



Ao caminhar pela cidade de Porto Alegre, me deparo com ruínas, abandonos e demolições entre os edifícios modernos, novos e recém-construídos. As ruínas urbanas já foram meu tema de pesquisa durante meu mestrado. Atualmente, no doutorado, meu interesse passa para as demolições arquitetônicas, cuja produção poética está interligada. Mas, por que eu direciono meu olhar para essas demolições pela cidade? O que vejo nelas, que são tão chamativas? O que isso acrescenta ou como interfere em minha produção artística?

Como pintora, a forma como eu enxergo esses cenários demolidos, parte de uma visão pictórica do conjunto de materiais desordenados pelo espaço. Os rastros que sobram das demolições são compostos por materiais diversos, e amontoados e espalhados podem causar desconforto para o expectador. Em termos de pintura, são formas coloridas com tamanhos diferentes que desafiam em sua representação. Meu objetivo é construir uma imagem que cause a sensação de entulho, de aglomerado da demolição. Não quero uma ilustração desses materiais acumulados, mas quero pensar de forma estrutural uma pintura com as características próprias da linguagem.

Interessa-me a estrutura da demolição. Pode parecer contraditório, no primeiro momento, eu usar a palavra “estrutura”, por ela remeter a algo que forma, sustenta e organiza. À primeira vista, em uma demolição, não presenciamos uma organização, e sim a desordem, mas quando observo de forma artística um cenário desses, vejo a existência de estruturas características que se repetem em outros lugares destruídos. Há sobreposições de entulhos, estilhaços, escombros e resíduos. Recortes provocados por máquinas que viram do avesso as estruturas internas e externas de uma arquitetura.

Ao caminhar pelas ruas em torno do ateliê e da minha residência, que fazem divisa entre dois bairros de Porto Alegre — Santa Cecília e Rio Branco —, costumo encontrar diversos materiais descartados em contêineres. Essa abundância de materiais dá-se pelo fato de os bairros estarem tomados pela especulação imobiliária e, por isso, constantemente em obras.



Empreiteiras de grandes nomes estão construindo edifícios de alto padrão e modificando as características desses bairros, que antes eram formados por casarões antigos e históricos e agora começaram a ser verticalizados. No bairro Rio Branco³, sons de retroescavadeiras são constantes para quem circula pelas proximidades. Por exemplo, em um terreno com quase 11 metros quadrados estão construindo um conjunto habitacional que promete vista panorâmica da cidade. Esse espaço pertencia ao Hospital Álvaro Alvim, que ficou anos desocupado e foi a leilão. Geralmente, os condomínios de luxo em construção nesses espaços leiloados são lugares restringidos para quem tem poder aquisitivo, e não para o bem do coletivo, como seria um centro cultural — seria falta de interesse dos órgãos públicos e privados para promover a cultura? Infelizmente, em Porto Alegre, estão demolindo antigas arquiteturas em nome do progresso, em vez de os órgãos cuidarem dessas construções e investirem em cultura e lazer.

As demolições são atos rápidos pela ação humana para destruir alguma estrutura vigente, seja para dar lugar a outros empreendimentos ou simplesmente com a intenção de limpar um terreno para outra construção. Segundo Glayson Arcanjo de Sampaio, a demolição é uma espécie de derrubada antecipada:

[...] algo que antecipa a passagem do tempo, como uma espécie de aceleração temporal, reforçada, principalmente, por questões econômicas e mercadológicas ligadas aos interesses do mercado imobiliário [...] (Sampaio, 2020, p. 130).

Conforme Andreas Huyssen, ao comentar sobre a relação do tempo em contraponto à modernidade nas cidades:

Na condição de commodities, as coisas em geral não lidam bem com o envelhecimento. Tornam-se obsoletas e são descartáveis ou recicladas. Construções são demolidas ou restauradas. A probabilidade de as coisas envelhecerem e se transformarem em ruínas diminui na era do capitalismo acelerado [...] (Huyssen, 2014, p. 96).



Estamos vivendo momentos que exigem esse tempo acelerado, e a demolição parece ser uma estratégia rápida para uma certa modernização forçada das cidades. É sempre o novo que prevalece enquanto o passado vai sendo apagado.

Pinturas e Experimentações

Em meio ao caos das constantes construções e demolições pelos bairros de Porto Alegre, consigo coletar materiais descartados em caçambas nas ruas (Imagem1), onde os pedreiros se desfazem dos restos de obras. São portas, tábuas, tapumes, metais, chapas de MDF, azulejos, gesso, cimento, painéis, dentre outros, que para mim são úteis para o processo construtivo da pintura.



Imagem 1: Alguns materiais recolhidos durante caminhandas pelos bairros, 2025.



Partindo da necessidade de experimentação na pintura, decidi explorar o uso desses objetos como suporte ou adereços na composição. Desse modo, novas questões compositivas começaram a aparecer em meus trabalhos com a utilização desses materiais descartados.

Eu coletei materiais oriundos das construções para levar até o ateliê, e tirei fotografias das demolições com que me deparo durante minhas caminhadas. Essas imagens compõem um acervo digital que utilizo como referência e que consulto durante o planejamento para os próximos trabalhos.

Em relação ao fazer, entre a pintura e o referencial, quando reproduzo uma imagem que já apresenta qualidades ditas pictóricas, o desafio durante a feitura é conseguir mesclar de forma mais abstrata o conjunto de objetos sem contornos definidos que observo na fotografia. Esse distanciamento das formas presentes na imagem, que estavam na referência e agora são reproduzidas na pintura, resultam em borrões e manchas que tensionam a imagem entre a figuração e a abstração.

No ano de 2020, eu realizei uma série de trabalhos experimentais com o intuito de fazer um ensaio visual. Trata-se da série *(Des)construção – Ginásio da Brigada Militar*⁴. Foram realizadas quatro pinturas com materiais alternativos à tela e à tinta a óleo. Nesses trabalhos, utilizei tinta esmalte sintético e papelão como suporte (Imagem 2 e Imagem 3). Em consequência do tipo de tinta, somado ao tipo de referência, as imagens na pintura resultaram mais fluidas e abstratas. A tinta esmalte é um material pegajoso e difícil de trabalhar; já o papelão, com suas dobras e marcas, causou ruídos na pintura e o resultado desse conjunto me pareceu interessante.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 2: Série (Des)construção – Ginásio da Brigada Militar #1, 2020. Pintura acrílica com tinta esmalte sintético sobre papelão, 92,5 x 113 cm.



Imagem 3: Série (Des)construção – Ginásio da Brigada Militar #4, 2020. Pintura acrílica com tinta esmalte sintético sobre papelão, 92,5 x 113 cm.



Partindo disso, e aberta às novas possibilidades na construção da pintura, procurei criar um diálogo construtivo entre o material e o assunto da demolição: o papelão, como um objeto frágil e sem durabilidade, e a tinta esmalte, como um material industrial, utilizado comumente para retoque e reforma de residências, são materiais que fogem do uso artístico.

A utilização da tinta esmalte sintético teve grande uso na pintura dos anos 80, como no caso do grupo artístico Casa 7, formado por cinco jovens artistas: Carlito Carvalhosa, Fábio Miguez, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade, que compartilhavam uma casa como ateliê onde produziam e pensavam sobre arte. Eles trabalhavam com materiais banais, como tinta esmalte, e suportes, como papel kraft, pois estavam despreocupados com a durabilidade do trabalho e tinham o sentimento de explorar cada vez mais a linguagem da pintura. Como esses materiais eram baratos, permitiam alta produção.

Justamente por ser um material precário, sem a resistência de uma tela preparada ou até mesmo de um suporte de madeira adequado para a pintura, a utilização do papelão possibilitou um certo desprendimento no processo criativo, mais solto, abstrato e experimental. Partindo desse viés criativo, insisti em novas experimentações e realizei outras pinturas, utilizando, dessa vez, os materiais coletados das construções: *Demolição bairro Rio Branco*, 2023, e *Demolição bairro Santa Cecília*, 2024.



Imagem 4: Demolição bairro Rio Branco, 2023. Tinta esmalte sintético, madeira e tela sobre MDF, 203 x 113 cm. Foto: Marcelo Bordignon.



Demolição bairro Rio Branco (Imagem 4) trata-se de uma pintura em grande dimensão, com tinta esmalte sintético sobre placa de MDF. Encontrei e coletei esse suporte dentro do prédio do Instituto de Artes da UFRGS, que seria descartado após obras no edifício, e nele havia intervenções: recortes triangulares na superfície. Para a feitura da pintura, organizei a estrutura da imagem conforme a referência e adicionei outros materiais na composição, como guarnição de portas ou demais pedaços de madeira, junto com retalhos de telas antigas (Imagem 5). Resultou em uma pintura com diferentes relevos e texturas. Durante o processo, senti necessidade de detalhar algumas partes da imagem, por observar que isso compunha com as texturas dos materiais acoplados à superfície.



Imagem 5: Processo e detalhes da pintura *Demolição bairro Rio Branco*.



Em *Demolição bairro Santa Cecília*, utilizei uma imagem dividida em várias impressões (Imagem 6), montei conforme a proporção designada e colei em cima de portas de armários com relevos decorativos (Imagem 7). Junto a isso, eu pintei com tinta esmalte um detalhe de aglomerados de calça, presente em outra imagem do meu acervo (Imagem 8). Preenchi partes do relevo dessas portas com papel machê para realçar o volume que cruzava a pintura. Observado esse trabalho de perto, fica visível que há remendos entre uma folha e outra formando a imagem, bem como os relevos do suporte. Não considero esse trabalho totalmente concluído, mas é um resultado que abre possibilidades de desdobramentos para as próximas produções.



Imagem 6: Impressões da imagem para colagem, usada em *Demolição bairro Santa Cecília*.



Imagem 7: Processo da pintura Demolição bairro Santa Cecília.



Imagem 8: Demolição bairro Santa Cecília, 2024. Colagem e pintura com tinta esmalte sintético sobre porta de armário. 82 x 80 cm.

Portanto, ao analisarmos essas duas produções, percebo um diálogo pictórico da colagem, técnica que começa a torner minha pesquisa poética. A colagem é um ramo da pintura, e parte da composição com sobreposições de elementos junto à superfície, criando espacialidades e composições específicas. Foi uma linguagem bastante comum na arte moderna entre os dadaístas, cubistas, surrealistas e construtivistas, e ainda hoje nos deparamos com trabalhos que contêm essa técnica. Marco Giannotti descreve um fator importante vindo do cubismo:



A partir do cubismo, a obra de arte é concebida como realidade concreta e material em detrimento da representação e da aparência: a pintura não visa mais a impressão do objeto, mas é em si um processo de construção do objeto (Giannotti, 2020, p. 25).

Esse processo de construção que o cubismo evidencia, direciona o olhar para a superfície. Os materiais agregados no suporte da pintura não estão representando alguma coisa, mas sim indicando que aquilo que enxergamos é o que enxergamos. Giannotti (2020, p. 25) também irá afirmar que “a pintura salienta o seu caráter construtivo, fala de si mesma, em vez de falar sobre o mundo ao nosso redor” . Somado a isso, o autor Nikolai Tarabukin, que desenvolve um estudo analítico sobre o Construtivismo Russo, reflete sobre o aspecto construtivo da pintura ao longo da história da arte. Para ele, a construção não se resume somente à técnica e aos materiais, mas sim ao conjunto da obra.

O autor explica que a construção precisa acompanhar a composição para formar uma obra pictórica, ou seja, de modos separados, não expressam o sentido artístico do objeto pictórico: “Os elementos da construção compositiva são aqueles que pertencem à construção, aos que se juntam aos elementos próprios da composição” (Tarabukin, 1977, p. 135, tradução nossa).

Dessa forma, uma pintura é vista como uma construção formada por elementos visuais e materiais que formam a composição e resultam no conjunto da obra. Durante o Cubismo, esses elementos trazidos muitas vezes da indústria —como papel de parede, por exemplo, e demais materiais — serviam para compor a pintura e evidenciar a superfície da tela, quebrando a simples representação de uma imagem. Ou seja, incrementa-se outros objetos para formar a pintura, trazendo um novo tipo de espaço plástico. Como diria Tiago Mesquita (2012, p. 257), “[...] hoje cria-se a partir do manejo de técnicas milenares, mas também pelo arranjo de simples objetos apropriados de outros lugares, retirados da circulação cotidiana [...]”. A pintura contemporânea deixou de ser pensada como somente tinta sobre tela e passa a experimentar outros materiais e elementos adicionados à superfície.



Meu olhar, como artista, perambula pela cidade em busca das modificações abruptas que são as demolições, para pensar e formular novas construções poéticas. Assim sendo, usufruo da cidade como inspiração e também como meio para coletar materiais necessários para a construção de novas pinturas. Os restos do passado podem construir e formar algo novo: pedaços de entulhos compõem junto à tinta. Em contraponto às especulações imobiliárias, enxergo um tipo de beleza proveniente da paisagem da demolição, cujos resíduos trazem potencialidades poéticas.

Notas

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

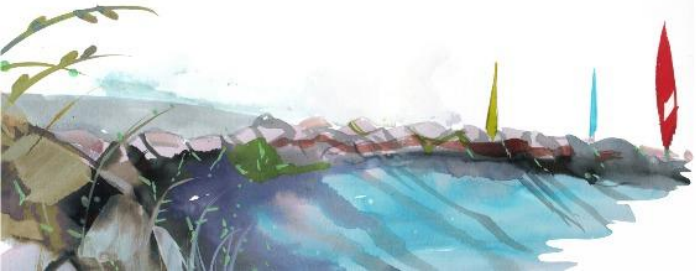
² Doutoranda em Poéticas Visuais pelo PPGAV - UFRGS, na linha de Pesquisa Desdobramentos da Imagem. Mestre em Poéticas Visuais pela mesma instituição. Possui Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais pela UFRGS. Realiza pinturas cuja temática são demolições e ruínas arquitetônicas, onde aborda figuração, abstração e colagem. Faz parte do Grupo de Pintura STUDIO P, coordenado pela prof^a Dr^a Marilice Villeroy Corona, em Porto Alegre/RS. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1189852127078560>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6281-374X>

³ O bairro, que antigamente era conhecido como Colônia Africana, recebeu o nome de Rio Branco no ano de 1959, em homenagem ao Barão de Rio Branco: “o território da Colônia Africana, esta ficava nas imediações do centro da Capital gaúcha, ponto estratégico e muito cobiçado pelo empreendedorismo imobiliário. Posteriormente, receberia grande contingente de imigrantes de várias nacionalidades, entre eles, os alemães, italianos, poloneses e na sua maioria judeus” (Silveira, 2014, p. 8). “A Colônia Africana, possivelmente assim foi denominada pela imprensa da época, era uma comunidade na sua maioria formada por descendentes de escravos, mas também ali habitavam segmentos de outras etnias, imigrantes europeus de diversas nacionalidades” (Silveira, 2014, p. 18). A Colônia Africana, formada pela cultura africana e ex-escravos e seus descendentes, com o passar dos anos sofreu com a chamada higienização populacional e sua população foi encaminhada para as periferias da cidade. Isso fomentava a visão de modernização da cidade, com o branqueamento e a higienização populacional desse bairro. Ver mais em: Silveira, Alexandre Barcelos. De colônia africana a bairro Rio Branco: desterritorialização e exílio social na terra do latifúndio: Porto Alegre, 1920 – 1950. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Programa de pós-graduação em História – PUCRS. 2015.

⁴ O título do trabalho parte da ideia de desconstrução/demolição do espaço onde foi o Ginásio da Brigada Militar, localizado em Porto Alegre e demolido no ano de 2019. Nas pinturas seguintes, começo a usar como título o nome do bairro como forma de lembrar a localização da demolição, em vez de inserir o nome da arquitetura.

Referências

GIANNOTTI, Marco. Breve história da pintura contemporânea. São Paulo: Nova Alexandria, 2020.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

GREENBERG, Clement. A revolução da colagem. *In*: Mello, Cecília Cotrim de; Ferreira, Glória. Clement Greenberg e o debate crítico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 95-100.

HUYSEN, Andreas. Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014.

MESQUITA, Tiago. Pintura no Espaço em Obra. *In*: COELHO, Frederico; DIEGUES, Isabel (orgs.). Desdobramentos da pintura brasileira séc. XXI. Rio de Janeiro: Cobogó, 2012. p.256-263.

SAMPAIO, Glayson Arcanjo de. Em demolição: notas sobre desenho, processo, lugar. Tese de Doutorado. Campinas: Programa de pós-graduação em Artes Visuais - UNICAMP. 2018.

SILVEIRA, Alexandre Barcelos. De colônia africana a bairro Rio Branco: desterritorialização e exílio social na terra do latifúndio: Porto Alegre, 1920 – 1950. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Programa de pós-graduação em História – PUCRS. 2015.

TARABUKIN, Nikolai. El último cuadro. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A, 1977.